

## O MÍTICO-RELIGIOSO EM CONTOS AMAZÔNICOS: ANALISANDO O CONTO “A FEITICEIRA” DE HERCULANO MARCOS INGLÊS DE SOUSA

THE MYTHICAL-RELIGIOUS IN AMAZONIAN TALES: ANALYZING THE SHORT  
STORY “A FEITICEIRA” BY HERCULANO MARCOS INGLÊS DE SOUSA

LO MÍTICO-RELIGIOSO EN LOS CUENTOS AMAZÓNICOS: ANALIZANDO EL RELATO  
“A FEITICEIRA” DE HERCULANO MARCOS INGLÊS DE SOUSA

Bruno Machado Chaves<sup>1</sup>  
Mariana Silva de Freitas<sup>2</sup>

**RESUMO:** *Contos Amazônicos*, última obra de Herculano Marcos Inglês de Sousa, publicada em 1893, marca a transição do autor para outros caminhos além da literatura. No conto *A Feiticeira*, Sousa explora as percepções místicas e religiosas dos povos das florestas e rios, refletindo a complexidade das crenças e mitos locais. A narrativa revela como esses elementos se entrelaçam, oferecendo uma visão rica sobre a identidade e as tradições das comunidades amazônicas. Esse artigo objetivou analisar as dimensões do mágico-religioso no conto *A Feiticeira*, de Inglês de Sousa, para compreender como as crenças e práticas religiosas dos ribeirinhos são representadas e interagem no contexto da literatura amazônica. Metodologicamente, foi um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo e exploratório, por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), discutindo os conflitos do imaginário popular da Amazônia. Assim, o conto *A Feiticeira* oferece uma perspectiva valiosa sobre as manifestações culturais e religiosas na Amazônia, enriquecendo a literatura com elementos fantásticos que dialogam com a realidade, evidenciando a interação entre o sagrado e o profano, comum na identidade imagética das tradições ribeirinhas, iluminadas sob a perspectiva ambivalente da bruxa Maria Mucoim e do delegado Antônio de Sousa.

**Palavras-chave:** Contos Amazônicos. Inglês de Sousa. Mágico-religioso. Literatura. Amazônia.

**ABSTRACT:** “*Contos Amazônicos*”, the last work of Herculano Marcos Inglês de Sousa, published in 1893, marks the author's transition to paths beyond literature. In the short story “*A Feiticeira*”, Sousa explores the mystical and religious perceptions of the forest and river peoples, reflecting the complexity of local beliefs and myths. The narrative reveals how these elements intertwine, offering a rich view of the identity and traditions of Amazonian communities. This article aims to analyze the dimensions of the magical-religious in the short story “*A Feiticeira*” by Inglês de Sousa, to understand how the beliefs and religious practices of the riverside dwellers are represented and interact within the context of Amazonian literature. Methodologically, it was a bibliographic study, qualitative and exploratory in nature, through Bardin's (2016) Content Analysis, discussing the conflicts of the popular imagination of the Amazon. Thus, the short story “*A Feiticeira*” offers a valuable perspective on cultural and religious manifestations in the Amazon, enriching literature with fantastical elements that engage with reality, highlighting the interaction between the sacred and the profane, common in the imagetic identity of riverside traditions, illuminated from the ambivalent perspective of the witch Maria Mucoim and the delegate Antônio de Sousa.

**Keywords:** Contos Amazonicos. Inglês de Sousa. Magical-religious. Literature. Amazon.

<sup>1</sup>Pós-graduado em Alfabetização de Jovens e Adultos para a Juventude (UFPA), graduado em Licenciatura em Letras: habilitação em Língua Alemã (UFPA).

<sup>2</sup>Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura (FIBRA), graduada em Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa (UEPA).

**RESUMEN:** “Contos Amazônicos”, la última obra de Herculano Marcos Inglês de Sousa, publicada en 1893, marca la transición del autor hacia caminos más allá de la literatura. En el cuento “*A Feiticeira*”, Sousa explora las percepciones místicas y religiosas de los pueblos de bosques y ríos, reflejando la complejidad de las creencias y mitos locales. La narrativa revela cómo estos elementos se entrelazan, ofreciendo una rica visión de la identidad y las tradiciones de las comunidades amazónicas. Este artículo tiene como objetivo analizar las dimensiones de lo mágico-religioso en el cuento “*A Feiticeira*” de Inglês de Sousa, para comprender cómo se representan y se interrelacionan las creencias y prácticas religiosas de los habitantes ribereños en el contexto de la literatura amazónica. Metodológicamente, fue un estudio bibliográfico, de carácter cualitativo y exploratorio, a través del Análisis de Contenido de Bardin (2016), discutiendo los conflictos de la imaginación popular de la Amazonía. Así, el cuento “*A Feiticeira*” ofrece una perspectiva valiosa sobre las manifestaciones culturales y religiosas en la Amazonía, enriqueciendo la literatura con elementos fantásticos que dialogan con la realidad, destacando la interacción entre lo sagrado y lo profano, común en la identidad imagética de las tradiciones ribereñas, iluminadas desde la perspectiva ambivalente de la bruja María Mucoim y el delegado Antônio de Sousa.

**Palabras clave:** Contos Amazônicos. Inglês de Sousa. Mágico-religioso. Literatura. Amazônia.

## INTRODUÇÃO

O conto *A Feiticeira*, presente no livro *Contos Amazônicos*, foi escrito em 1893 por Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918). Trata-se de uma obra que mergulha nas ricas tradições culturais e religiosas da Amazônia. Ao explorar o mágico-religioso, Inglês de Sousa revela como as crenças e práticas dos povos ribeirinhos se entrelaçam com o cotidiano das florestas, criando narrativas do imaginário popular.

A narrativa de *A Feiticeira* reflete a complexidade das crenças e mitos que permeiam essas comunidades, revelando como a religiosidade se entrelaça com elementos do misticismo e da cultura local. Isso proporciona uma visão rica sobre a identidade e as tradições dos povos ribeirinhos, analisando a forma como esses elementos se manifestam na literatura e sua relevância para a construção do imaginário social das populações amazônicas (Cabral, 2017).

Essas reflexões vão além da visão romântica das crenças e mitos regionais, que foram idealizados ao longo dos séculos por forasteiros em relação às populações ribeirinhas amazônicas. As crenças, frequentemente influenciadas pela perspectiva católica, posicionam os ribeirinhos como exóticos, autênticos, selvagens e até críticos da verdadeira essência de sua cultura, resultando em uma idealização distorcida do caboclo amazônica (Loureiro, 2015).

O conto *A Feiticeira*, por meio da figura de Maria Mucoim, oferece um olhar perspicaz sobre a dualidade entre o místico e o religioso dos povos que habitam as margens dos rios. O narrador a descreve como uma mulher que carrega “santinhos” e teme a Deus, enquanto

ocultava suas verdadeiras crenças em deuses antigos e costumes que, sob a ótica cristã, a rotulam como “serva do demônio”. Essa dualidade ressalta a complexidade das práticas religiosas e a luta pela preservação da identidade cultural no contexto amazônico (Cabral, 2017).

Neste contexto, mergulha-se na rica tapeçaria dos conflitos religiosos que permeiam a narrativa de *A Feiticeira*, explorando essa temática sob a perspectiva do imaginário social dos ribeirinhos. Ao longo da análise, buscou-se desvendar as nuances das crenças populares que continuam a influenciar o imaginário coletivo local, especialmente por meio das narrativas de lendas e contos que transitam entre o sagrado e o profano, destacando como essas crenças moldam as identidades e as vivências dos povos que habitam as margens dos rios amazônicos (Loureiro, 2015).

A pesquisa percorreu o imaginário fantástico do caboclo amazônico, reconhecendo-o como um espaço que abriga, além da biodiversidade, um rico conjunto de mitos que ressignifica as experiências dos povos dos rios e florestas. Nesse universo simbólico, em que os rios funcionam como um cosmos de informações culturais, foi possível refletir sobre lendas, crenças e superstições amazônicas.

Essa discussão permitiu uma análise da consciência local por meio do conto *A Feiticeira*, de Inglês de Sousa, examinando suas particularidades, interpretações e ocorrências espirituais, a fim de compreender melhor o ser humano ribeirinho e a literatura que o envolve. Essa subjetividade, vivência e capacidade de reflexão moldaram este estudo, que se manifesta nas representações imagéticas e literárias encontradas no conto *A Feiticeira*, de Inglês de Sousa.

Assim, este artigo objetivou analisar as dimensões do mítico-religioso no conto *A Feiticeira*, de Herculano Marcos Inglês de Sousa, a fim de compreender como as crenças e práticas religiosas dos povos dos rios e florestas são representadas e interagem no contexto da literatura amazônica.

## METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter bibliográfico e exploratório, investigou os conflitos no mítico-religioso popular da Amazônia, com o conto *A Feiticeira*, presente em *Contos Amazônicos* de Inglês de Sousa, como obra central para a análise. Nesse sentido, a análise revelou como esses resíduos se transformam em elementos essenciais nas narrativas literárias amazônicas, especialmente em ambientes coletivos em que os componentes fluvial e florestal são referenciais de sobrevivência e subsistência.

Por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), o artigo foi desenvolvido em etapas distintas. Conforme Bauer (2008), a Análise de Conteúdo objetiva interpretar os dados coletados, abrangendo materiais textuais e trabalhos de outros autores. Para a presente pesquisa, as etapas foram organizadas da seguinte forma: A primeira etapa consistiu na definição dos problemas a serem discutidos sobre a literatura mítico-religiosa amazônica, com foco no conto *A Feiticeira*, abordando os conflitos culturais manifestados nas narrativas, explorando a representação da natureza como elemento vital nas práticas ribeirinhas e investigando o sincretismo religioso local, que evidencia como diferentes crenças se mesclam para criar novas formas de espiritualidade na literatura amazônica.

Em seguida, foi realizada a seleção das amostras, respeitando rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Os critérios de inclusão abrangeram artigos de revistas científicas, teses e dissertações disponíveis em bases de dados acadêmicos, como SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Google Acadêmico e Periódico Capes, desde que acessíveis de forma gratuita, completa e redigidos em língua portuguesa ou inglesa. Por outro lado, foram excluídos da pesquisa trabalhos que estavam incompletos, cujas informações divergiam dos objetivos estabelecidos, ou que apresentavam fontes duvidosas, além daquelas que não estavam nos idiomas determinados. Essa abordagem rigorosa garantiu a relevância e a qualidade das fontes utilizadas na investigação.

4

Por último, realizou-se a análise dos dados coletados, que envolveu uma leitura cuidadosa e uma categorização sistemática das obras selecionadas. Essa análise considerou tanto os aspectos temáticos quanto estilísticos, permitindo identificar padrões e nuances nas representações das práticas e crenças ribeirinhas. Com isso, os resultados encontrados foram discutidos e interpretados por meio da análise das mais diversas perspectivas sobre a literatura ribeirinha, possibilitando uma compreensão mais profunda das práticas e elementos que permeiam a literatura, revelando como as narrativas refletem a identidade cultural e as interações sociais do mítico-literário da Amazônia.

Essa abordagem possibilitou a codificação de novas informações sobre a problemática em análise, uma vez que os textos selecionados refletiam percepções, memórias, planos e discussões das personagens envolvidas nas tradições mítico-religiosas da Amazônia, revelando como as narrativas capturam a essência das vivências e crenças locais, além de oferecer uma visão mais ampla sobre a interconexão entre cultura, espiritualidade e natureza na região. Essa riqueza de detalhes contribuiu para uma análise mais robusta e contextualizada, permitindo que

a pesquisa não apenas identificasse temas recorrentes, mas também reconhecesse as vozes e histórias das comunidades que as produzem.

Por fim, foram adotados os aspectos éticos de pesquisas bibliográficas, garantindo a integralidade e credibilidade do estudo, respeitando os direitos autorais e as normas para as citações, assegurando que todas as fontes fossem usadas de forma correta, creditando todos os autores citados e, com isso, garantindo a valorização de trabalhos autorais que serviram de base para a construção dessa pesquisa.

## REVISÃO DE LITERATURA

### UM APANHADO INICIAL SOBRE HERCULANO MARCOS INGLÊS DE SOUSA

Herculano Marcos Inglês de Sousa, nascido em Óbidos, PA, em 1853, é uma figura fundamental para a compreensão da literatura brasileira, pois foi uma figura determinante do Naturalismo no país. Sua biografia o posiciona como um membro da elite cultural, tendo contribuído especialmente para as sociedades paulista e santista a partir de 1892, quando fixou sua residência no Rio de Janeiro. Além disso, Inglês de Sousa foi membro fundador da Associação Brasileira de Letras (ABL) e ganhou renome por meio da publicação de contos, crônicas e críticas literárias, até sua morte, em 1918, sendo considerado uma das figuras mais importantes da época.

Tendo uma produção literária que, para muitos, é pequena, Inglês de Sousa, por meio de suas obras *O calculista* (1876), *História de um pescador* (1876), *Coronel sangrado* (1877) e *O missionário* (1891), lançadas sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, e por *Contos Amazônicos* (1893), é um autor que merece destaque e estudos, principalmente ao se analisar o cânone literário amazônida.

Além de seu papel como escritor e crítico, Herculano Marcos Inglês de Sousa também se destacou como um defensor da cultura amazônica e um observador atento das questões sociais de sua época. Em suas obras, ele frequentemente abordava a relação entre o homem e a natureza, refletindo sobre os desafios enfrentados pelos habitantes da região amazônica.

Inglês de Sousa possuía um profundo interesse pelas tradições e mitos locais, o que se torna evidente em sua narrativa, que mescla elementos do realismo com o fantástico. Essa fusão não apenas enriqueceu suas obras, mas também proporcionou uma visão única da cultura amazônica, na qual as crenças populares e as práticas cotidianas se entrelaçam de maneira intrincada.

Ao incorporar figuras míticas e elementos sobrenaturais, o autor conseguiu criar uma atmosfera que transcende a mera descrição da realidade, permitindo que o leitor experimente a magia e o mistério do ambiente amazônico. Isso pode ser observado no livro *Contos Amazônicos*, especialmente no conto *A Feiticeira*, que foi objeto de análise nesta pesquisa.

## CONTOS AMAZÔNICOS DE INGLÊS DE SOUSA (1893)

*Contos Amazônicos*, obra de Inglês de Sousa, foi publicado em 1893, sendo a última obra do autor, uma vez que ele, em determinado momento de sua vida, decidiu emaranhar-se por outros caminhos que iam além da vida de escritor. Sendo uma obra envolta pelo misticismo e crenças religiosas, há uma análise para o contraditório do cientificismo do movimento, uma vez que, como bom naturalista, Inglês de Sousa cria personagens comuns, viventes das florestas e rodeados pelo imaginário abstrato das lendas existentes nesta região.

Analisando o livro *Contos Amazônicos*, nota-se que há um destaque especial para o naturalismo, observando a necessidade e busca de uma definição para o ser humano, principalmente ao discutir os elementos da natureza como um esforço científico em trazer um rumo à totalidade existente na relação entre o homem, a terra e todos os ideais amplos para a nacionalidade daquilo que é reivindicada (Queiroz, 2021).

Quando analisada, é envolta por lendas e causos da Amazônia (*Acauã*, *A Feiticeira*, *Amor de Maria*, *O baile do judeu*, *O donativo do capitão Silvestre* e *O gado do Valha-Me-Deus*), seguido por contos em que questões políticas e sociais são mais evidentes (*Voluntário*, *A quadrilha de Jacó Patacho* e *O rebelde*), criando narrativas que buscavam captar a precisão de diversidades e expressões de cunho religioso na região da Amazônia, por meio do imaginário popular, em que as encantarias e práticas de magias existentes nos contos acabam por entrar em conflito com o catolicismo, por tratarem de temáticas e práticas oriundas do xamanismo ribeirinho (Barreto, 2003).

A obra de Inglês de Sousa é marcada por um contexto cultural e religioso do interior amazônico, em que são descritas narrativas sobre indígenas, tapuios, imigrantes portugueses e rebeldes cabanos que vivem às margens de rios, como o Amazonas e o Tapajós, no entorno das cidades de Santarém, Alenquer e Óbidos. Esta última, terra natal do autor e espaço onde a maioria dos contos foi ambientada (Queiroz, 2021).

Ao analisar os padrões presentes em *Contos Amazônicos*, é importante destacar que o pensamento racional e científico fornece informações relevantes para as principais concepções

do Realismo-Naturalismo, especialmente em relação às percepções do mundo. Isso se deve ao fato de que cada indivíduo é moldado pelas experiências vividas em seu contexto cultural e geográfico. Dentro da obra, destacam-se três narrativas que mergulham na cultura popular amazônica: *Acauã*, *A Feiticeira* e *O Baile do Judeu*. Essas histórias não apenas refletem as tradições locais, mas também evidenciam como o ambiente influencia a formação da identidade e das crenças dos personagens, enriquecendo a compreensão da literatura amazônica.

A *Feiticeira* representa o imaginário que emerge da intersecção entre a realidade local e as crenças dos povos das florestas, revelando dinâmicas únicas que se entrelaçam com o misticismo da cultura popular. Ao explorar os cenários da obra, é possível perceber o esforço de Inglês de Sousa em aproximar a linguagem da narrativa da dicção regional e oral dos grupos locais. Essa intenção se torna particularmente evidente no conto *A Feiticeira*, em que o autor utiliza elementos da oralidade para dar vida às tradições e mitos amazônicos, enriquecendo a compreensão do ambiente e das experiências dos personagens. Assim, a obra não apenas narra uma história, mas também serve como um registro cultural que valoriza e preserva as vozes da Amazônia. (Cabral, 2017).

Com isso, é essencial para a obra entender tudo o que a cerca; onde, o mundo amazônico, por meio de suas florestas, seus rios, as paisagens locais e suas encantarias, passa a desenvolver um olhar aguçado para todo o pluralismo de informações que trazem considerações homogêneas à cultura e subjetivação do mundo. São com essas concepções que identidades são formadas, contrariando percepções e ganhando qualidades expressivas que são originadas por meio de expressões, capazes de dialogar com o pensamento local e estético de uma narrativa ribeirinha (Alves de Paiva *et al.*, 2023).

Em *A Feiticeira*, o leitor é convidado a mergulhar na história dos povos ribeirinhos da floresta amazônica, ao mesmo tempo em que pode apreciar o estilo literário da época, refletido na narrativa de Inglês de Sousa, que se alinha ao Realismo-Naturalismo. A obra se volta para uma representação significativa do imaginário local, criando uma identidade própria que cativa a atenção dos leitores e destaca a riqueza da cultura amazônica. Essa combinação de elementos não apenas enriquece a leitura, mas também proporciona uma compreensão mais profunda das tradições e vivências da região, por meio da literatura local, como pode ser exposto no conto aqui discutido.

## MARIA MUCOIM, ANTÔNIO DE SOUSA E VELHO ESTÊVÃO: PERSONAGENS NO CONTO A FEITICEIRA

A Amazônia, em todas as suas manifestações, acaba sendo lapidada perante a visão dos grupos locais, por meio de suas crenças e imaginação, que são envoltos em encantamentos místicos que se firmam no espaço por meio de contos e lendas (Laplantine; Trindade, 2012). No conto *A Feiticeira*, Inglês de Sousa define detalhadamente cada uma de suas personagens. No entanto, é importante destacar que essa descrição não é revelada logo nos primeiros parágrafos do conto.

Essa abordagem gradual permite que o leitor se envolva na narrativa antes de conhecer a fundo as nuances e características dos personagens, criando uma expectativa que enriquece a experiência de leitura. O narrador, em terceira pessoa, relata os acontecimentos e as percepções de Velho Estêvão, um dos personagens centrais da história. Essa perspectiva permite que o leitor tenha uma visão mais ampla dos eventos, ao mesmo tempo em que se aprofunda nas reflexões e experiências desse personagem.

No início, a construção da narrativa é limitada, pois o leitor conhece apenas a história na versão do velho Estêvão, como descrito no trecho inicial “*CHEGOU O VELHO ESTÊVÃO, que falou assim*” (Sousa, 2017, p. 16). Aqui, o Velho Estêvão se destaca como uma figura emblemática que encapsula a sabedoria e as tradições dos povos da Amazônia. Ele é retratado como um ancião respeitado, cuja experiência de vida o torna um guardião das histórias e dos mitos que permeiam a cultura local.

Por meio de sua narrativa, Velho Estêvão não apenas compartilha ensinamentos valiosos, mas também conecta as novas gerações às suas raízes, enfatizando a importância da memória coletiva. Sua presença nas histórias serve como um elo entre o passado e o presente, refletindo as transformações sociais e ambientais que afetam a região. Assim, Velho Estêvão emerge não apenas como um personagem, mas como um símbolo da resistência cultural e da continuidade das tradições amazônicas, em que, com sua interação inicial, o autor acaba apontando outras personagens:

O tenente Antônio de Sousa era um desses moços que se gabam de não crer em nada, que zombam das coisas mais sérias e riem dos santos e dos milagres [...] Tendo por falta de meios abandonado o estudo da medicina, veio Antônio de Sousa para a província em 1871 e conseguiu entrar como oficial do corpo de polícia [...] No ano seguinte, era promovido ao posto de tenente e nomeado delegado de Óbidos (Sousa, 2017, p. 16-17).

Ao longo da narrativa, o delegado Antônio de Sousa é apresentado como um jovem cético, que despreza crenças e tradições, e que, após abandonar seus estudos em medicina, se une à polícia em Óbidos. Sua ascensão rápida ao posto de tenente e delegado revela tanto sua ambição quanto o contexto social da época, marcando-o como uma figura central na narrativa.

Antônio de Sousa, intrigado pelas histórias de feitiçaria e magia negra local, que circulam especialmente sobre a velha Maria Mucoim, decide conhecê-la pessoalmente para verificar a veracidade das informações a seu respeito. No entanto, ao tentar desmascarar a mulher que é cercada de mistérios, ele se depara com elementos sobrenaturais que refletem as crenças regionais.

Essa jornada o leva a enfrentar forças desconhecidas, e suas tentativas de confrontar o que não compreende resultam em punições, revelando as consequências de desafiar o imaginário que permeia a cultura local. Emaranhado em dúvidas, Antônio de Sousa se torna ainda mais instigado, buscando comprovações sobre o que os moradores dizem a respeito de Maria Mucoim. Essa busca o impulsiona a mergulhar mais fundo nos mistérios que a cercam, ampliando seu conflito interno e sua relação com o desconhecido.

Antônio de Sousa direciona suas indagações pessoais a Maria Mucoim, mergulhando em sua investigação e, assim, se esquecendo da urbanização e da tranquilidade que o cercam, conforme descrito pelo narrador. Ao chegar à propriedade da velha, situada entre terras incultas nos confins dos cacauais da margem esquerda, ele se depara com a realidade que alimenta as crenças da comunidade local sobre ela.

A casa, pequena e negra, era composta por duas peças separadas por uma meia parede, com uma abertura redonda coberta por um topé velho como porta interna. A porta exterior, feita de japá, e o teto de pindoba, desgastados pelo tempo, contrastavam com os esteios e caibros infestados de cupins. Ali, Sousa encontrou Maria Mucoim sentada à soleira da porta, com um olhar fixo em um bem-te-vi que cantava em uma embaubeira. Sob o olhar da velha, o passarinho começa a se agitar, emitindo gritinhos aflitivos, criando uma atmosfera carregada de tensão e mistério.

Eram seis horas quando chegou à casa da Maria Mucoim, situada entre terras incultas nos confins dos cacauais da margem esquerda. E, segundo dizem, um sítio horrendo e bem próprio de quem o habita. [...] A casa, pequena e negra, compõe-se de duas peças separadas por uma meia parede, servindo de porta interior uma abertura redonda, tapada com um topé velho. A porta exterior é de japá, o teto de pindoba, gasta pelo tempo; os esteios e caibros estão cheios de casas de cupim e de cabas. Sousa encontrou a velha sentada à soleira da porta, com queixo metido nas mãos, os cotovelos apoiados nas coxas, com o olhar fito num bem-te-vi que cantava numa embaubeira. Sob a

influência do olhar da velha, o passarinho começou a agitar-se e a dar gritinhos aflitivos (Sousa, 2018, p. 29).

Havia ali condições de miserabilidade, em que a casa de Maria Mucoim estava acabada pelo tempo, espelhando-a como a conformidade da vivência da própria velha, tornando-a horrenda, sob a influência da sensação de mau agouro de uma ave “rasga mortalha”, que grita para anunciar calamidades.

Há de se considerar todas as camadas envolvidas em crenças populares que circundam Antônio, sendo significativo para o transcorrer da narrativa. Tudo deve ser analisado de forma minuciosa; seja o momento de sua chegada, entrelaçado pelo horário que representa as chamadas “horas abertas”, em que coisas malignas ficam à espreita, seja pelo clima de encantaria e mistério já presente na imaginação local. É no limite calculado desse pensamento, entre o dia e a noite, em que os mistérios são presenciados; onde a bruxa, na figura da velha, estaria despertando-se para todas as formas existentes no ocultismo.

Essa atmosfera de mistério, personificada na figura de Maria Mucoim, evoca a presença de magia e encantamento. Ao mesmo tempo, ela simboliza as mulheres cujas sabedorias e conhecimentos foram historicamente rejeitados, remetendo às feiticeiras da Idade Média que enfrentaram preconceito e perseguição. Dessa forma, a narrativa não apenas entrelaça elementos de superstição, mas também oferece uma crítica social profunda sobre o papel das mulheres na sociedade, destacando como a desconfiança em relação ao que é diferente ou desconhecido pode levar à marginalização e ao silenciamento de vozes femininas. Essa dualidade enriquece a obra, tornando-a um reflexo das tensões entre tradição e modernidade (Eliade, 2010).

Assim, a obra utiliza a figura de Maria Mucoim para explorar como a sociedade marginaliza mulheres que detêm saberes considerados “não aceitáveis”, ecoando estigmas históricos associados à feitiçaria. Essa intersecção entre superstição e crítica social revela a resistência de mulheres cujas vozes e conhecimentos desafiam normas estabelecidas, refletindo as tensões entre crenças tradicionais e as realidades contemporâneas (Jalloul Guimarães, 2023).

O conto explora referências que moldam simbologias associadas a vertentes católicas, caracterizando mulheres cujos conhecimentos eram marginalizados pela sociedade da época (Witzler, 2024). Dessa forma, Maria Mucoim emerge como uma figura que reflete as mesmas características semânticas atribuídas às feiticeiras da Idade Média, simbolizando a percepção negativa e o estigma que cercam aquelas que desafiam normas culturais.

O retrato de Maria Mucoim, com suas características físicas grotescas e olhar sinistro, evoca diretamente o estigma das bruxas, frequentemente descritas como figuras repulsivas e ameaçadoras. Essa imagem reforça a associação entre a velhice, a feminilidade e o preconceito, refletindo como as mulheres que desafiam normas sociais são frequentemente alvo de demonização e marginalização (Barros, 2024).

O tenente Sousa viu na Maria Mucoim uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra, que, quando se abria num sorriso horroroso, deixava ver um dente, um só!, comprido e escuro. A cara cor de cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepamoleque de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever (Sousa, 2017, p. 18).

Essa analogia enriquece a narrativa ao sugerir uma dualidade intrigante: a possibilidade de Maria Mucoim realmente possuir ou não poderes mágicos. Essa ambiguidade convida à reflexão sobre o papel das mulheres e à resistência a saberes que desafiam as normas convencionais. Assim, a figura da personagem se torna um espelho das tensões entre a crença popular e o ceticismo, permitindo que o leitor questione as fronteiras entre o real e o fantástico ao longo do conto.

Os elementos da narrativa de *A Feiticeira*, como o quarto singular da personagem com uma rede suja, ossos humanos, uma coruja branca e um gato preto, evocam crenças que se opõem ao catolicismo. Essa descrição reforça a atmosfera sinistra e o estigma associado às mulheres que desafiam normas sociais, perpetuando a marginalização de saberes considerados não convencionais.

Era um quarto singular, o quarto de dormir de Maria Mucoim. Ao fundo, uma rede rota e suja; um canto, um montão de ossos humanos; pousada nos punhos da rede, uma coruja, branca como algodão, parecia dormir; e ao pé dela, um gato preto descansava numa cama de palhas de milho. Sobre um banco rústico, estavam várias painéis de forma estranha, e das traves do teto pendiam cumbrucas rachadas, de onde escorria um líquido vermelho, parecendo sangue (Sousa, 2017, p. 23).

Nesse sentido, observa-se que todas as referências são elementos simbólicos que entrelaçam crenças místicas e a visão do catolicismo presente nos ideais de Antônio. De um lado, Maria Mucoim representa mulheres e seus conhecimentos inaceitáveis para a sociedade; do outro, o delegado atua como um inquisidor, evocando as feiticeiras da Idade Média. Essa dualidade reforça as conexões literárias que permeiam o medo e a sabedoria feminina.

Assim, a narrativa não apenas ilustra as crenças populares, mas também critica a marginalização das mulheres, evidenciando a tensão entre o sagrado e o profano. Essa crítica convida o leitor a refletir sobre as implicações sociais e culturais que envolvem o conhecimento feminino e seu papel na sociedade. Ao analisar a figura de Maria Mucoim, surge uma

ambiguidade sobre sua verdadeira natureza, desafiando as percepções de cada leitor e estimulando uma discussão sobre a linha tênue entre o real e o fantástico. Essa abordagem instiga uma reconsideração do papel das mulheres que, muitas vezes, têm seus saberes e habilidades não reconhecidos ou até temidos.

## CONFLITOS LITERÁRIOS ENTRE OS ELEMENTOS MÍSTICOS E RELIGIOSOS EM A FEITICEIRA

Em *A Feiticeira*, o plano inicial da narrativa, ou seja, a formação de seus personagens, se constrói em caráter de um universo mágico-religioso, principalmente, nas oportunidades de compartilhar os ensinamentos e crenças deste universo. Assim, o simbolismo presente é capaz de unir dois mundos, formando-se em caráter unificador perante as características religiosas das personagens, por meio de uma linguagem acessível (Eliade, 2010).

Essa unificação aparece no ápice da narrativa, como, por exemplo, na primeira vez que Antônio de Sousa vê Maria Mucoim: “*Quem não reconhece à primeira vista essas criaturas malditas que fazem pacto com o inimigo e vivem de suas sortes más, permitidas por Deus para castigo dos nossos pecados?*” (Sousa, 2017, p. 29), refletindo sua percepção imediata e preconceituosa das mulheres associadas à feitiçaria e ao mal, em uma visão que mescla temor e condenação.

Este momento é fundamental para revelar elementos narrativos que mergulham no imaginário religioso, ao retratar a transformação de Maria Mucoim em uma figura quase sobrenatural. O uso de palavras mágicas provoca uma reação visceral nela, que se torna uma fera, demonstrando um poder primitivo e aterrador.

A Mucoim, vendo o efeito daquelas palavras mágicas, soltou urros de fera e atirou-se contra o tenente, procurando arrancar-lhe os olhos com as aguçadas unhas. O moço agarrou-a pelos raros e amarelados cabelos e lançou-a contra o esteio central. Depois fugiu, sim, fugiu, espavorido, aterrado. Ao transpor o limiar, um grito o obrigou a voltar cabeça. A Maria Mucoim, deitada com os peitos no chão e a cabeça erguida, cavava a terra com as unhas, arregaçava os lábios roxos e delgados, e fitava no rapaz aquele olhar sem luz, aquele olhar que parecia querer traspasar-lhe o coração (Sousa, 2017, p. 32).

A descrição de suas ações, como atacar o tenente e cavar a terra com as unhas, evoca imagens de rituais de possessão e a luta entre forças divinas e malignas. O olhar sem luz de Maria, que parece querer traspasar o coração do rapaz, intensifica a tensão entre o sagrado e o profano, refletindo o medo que as figuras femininas, associadas à feitiçaria, geram em uma sociedade que as marginaliza.

As manifestações cosmogônicas se entrelaçam de forma significativa com as profundezas da natureza, revelando uma conexão intrínseca que permeia a narrativa. No

fragmento do conto, essa articulação se torna evidente, mostrando como elementos naturais não apenas influenciam, mas também refletem as crenças e mitologias que moldam a compreensão do mundo. Por meio dessas expressões, o autor nos convida a explorar a relação entre o cosmos e a terra, revelando a riqueza simbólica que deriva da interação entre o sagrado e o cotidiano. Essa profundidade nas manifestações da natureza enriquece a trama, permitindo que os leitores se conectem com uma visão mais ampla da existência e da espiritualidade.

Enquanto o tenente Sousa testemunha a manifestação do poder de Maria Mucoim, sua fuga pelos cacauais se torna uma representação visceral do pavor que a feiticeira evoca. A tempestade que se desenrola ao seu redor, com chuvas torrenciais e trovões estrondosos, reflete a turbulência interna do personagem, como se o próprio inferno o seguisse. Cada relâmpago que rasga o céu ilumina não apenas o caminho, mas também a intensidade de seu medo, amplificado pelo uivo de uma onça faminta e o estrondo de árvores sendo derrubadas.

O tenente Sousa, como se tivesse atrás de si o inferno todo, pôs-se a correr pelos cacauais. Chovia a cântaros. Os medonhos trovões do Amazonas atrovavam os ares; de minuto em minutos relâmpagos rasgavam o céu. O rapaz corria. Os galhos úmidos das árvores batiam-lhe no rosto. Os seus pés enterravam-se nas folhas molhadas que tapetavam o solo. De quando em quando, ouvia o ruído da queda das árvores feridas pelo raio ou derrubadas pelo vento, e cada vez mais perto o uivo de uma onça faminta. A noite era escura. Só o guiava a luz intermitente dos relâmpagos. Ora batia com a cabeça em algum tronco de árvore, ora os cipós amarravam-lhe as pernas, impedindo-lhe os passos (Sousa, 2017, p. 32).

O ambiente hostil, com galhos que o ferem e cipós que o prendem, simboliza a luta entre o racional e o sobrenatural, evidenciando como a presença de Maria Mucoim o lança em um caos que ultrapassa a compreensão humana. Essa cena intensifica a sensação de impotência do tenente diante do poder místico que ele tenta negar, revelando a fragilidade do controle que ele acredita ter sobre a situação.

Nesse sentido, no imaginário e nas crenças religiosas dos ribeirinhos, nota-se a complexidade de encantamentos em sua relação com componentes naturais, assim como a sua profunda ambiguidade, uma vez que são concebidos por feitos de entidades espirituais, mas realizados por seres de carne e osso, que apresentam poderes excepcionais (Cruz, 2008).

No conto, observa-se que, em um determinado momento, ao visualizar as forças de Maria Mucoim expostas pelo mundo sobrenatural, Antônio se vê diante de um bode convocado para atacá-lo, o que o leva a desapegar-se de sua racionalidade. A situação o faz perceber a gravidade do que enfrenta, fazendo com que, em um impulso desesperado, recorra às suas crenças católicas.

Antônio começou a arrepender-se da imprudência que cometera. Mas era um valente moço, e o perigo lhe redobrava a coragem. Num lance certo, conseguiu ferir o bode no coração, ao mesmo tempo que dos lábios lhe saía inconscientemente uma invocação religiosa.

— Jesus, Maria!

O diabólico animal deu um berro formidável e foi recuando cair sem vida sobre um monte de ossos; ao mesmo tempo o gato estorceu-se em convulsões terríveis, e o urubu e a coruja fugiram pela porta aberta (Sousa, 2018, p. 33).

Nesse momento, a invocação de Jesus e Maria evidencia sua transição de um estado de racionalidade para um apelo espiritual, mostrando que, diante do sobrenatural, até mesmo os mais céticos podem se voltar para a fé. Enquanto isso, Maria Mucoim, dominando as artes da feitiçaria, utiliza as forças da natureza para desafiar Antônio, intensificando a luta entre o sagrado e o profano.

Trovões, raios, tempestade, acompanham o delegado em sua fuga até que ele, chegando à morada em que estava hospedado, recolhe-se à sua rede, acreditando que passou àquele mal; porém, é acordado com a inundação de todo o sítio. Tentando salvar-se nadando, vê à distância uma canoa e grita por socorro. Porém, o delegado acaba descobrindo não se tratar de seu anfitrião na canoa, mas sim de “Acocorada à proa da montaria, Maria Mucoim fitava-o com os olhos amortecidos, e aquele olhar sem luz, que lhe queria traspasar o coração...” (Sousa, 2018, p. 34).

Assim, reafirma-se o poderio de Maria Mucoim sobre a localidade, colocando sua força frente à do homem, enfraquecendo-o e prostrando-o como inferior a ela. A história possui um desfecho aberto, uma vez que não se tem como saber se o delegado foi socorrido e morreu na inundação, impedindo-se ainda de ter clareza nos fatos, uma vez que, por viés de interpretações, tudo pode ter sido um fruto de delírio de Antônio de Sousa, devido à uma febre. Ficando, desse modo, à mercê de uma interpretação clara da história, mas efetivando as características do fantástico que se entrelaça a uma explicação natural perante a explicação do sobrenatural (Alves de Paiva *et al.*, 2023).

O conto *A Feiticeira* mergulha nas profundezas do mágico-religioso presente na cultura amazônica, em que o sobrenatural e o cotidiano se entrelaçam de maneira intrínseca. A narrativa explora as crenças populares que permeiam a vida dos personagens, revelando como a magia e a religiosidade se manifestam em práticas e rituais que desafiam a lógica racional. Maria Mucoim, uma das figuras centrais, simboliza essa intersecção, sendo vista como uma bruxa, mas também como portadora de saberes ancestrais que a sociedade marginaliza. Sua descrição vívida, marcada por características físicas que evocam temor e respeito, reflete não

apenas o medo do desconhecido, mas também a reverência por uma sabedoria que desafia as normas estabelecidas pelo catolicismo.

A relação entre o catolicismo e o mágico é complexa e tensa, refletindo a luta entre crenças tradicionais e a imposição de valores religiosos (Alves de Paiva *et al.*, 2023). A figura de Maria Mucoim, vista como uma bruxa, encarna essa dualidade: enquanto a sociedade católica a marginaliza por seus conhecimentos ocultos e práticas consideradas heréticas, ela também representa a preservação de saberes ancestrais que desafiam a lógica e a moralidade estabelecidas. Os elementos mágicos que cercam sua personagem, como a presença de animais simbólicos e rituais enraizados na cultura local, contrastam com a visão católica que demoniza o sobrenatural.

Essa interação entre o sagrado e o profano evidencia as tensões que permeiam a vida na Amazônia, onde o mágico não é apenas uma superstição, mas uma forma legítima de entendimento e conexão com o mundo espiritual, desafiando, assim, a hegemonia do catolicismo na formação da identidade cultural. Ao final desse percurso, vale ser destacado que o conto *A Feiticeira* se forma como uma narrativa vigorosa, cheia de elementos religiosos e populares, que acabam instigando seu leitor para provocações do pensar e das complexidades de todos os fenômenos religiosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *A Feiticeira*, escrito por Herculano Marcos Inglês de Sousa em 1893, mergulha nas tradições culturais e religiosas da Amazônia, evidenciando a intersecção entre o mágico e o cotidiano. Ao explorar o imaginário popular dos ribeirinhos, Sousa revela a complexidade das crenças e práticas que permeiam essas comunidades. A narrativa reflete como a religiosidade se entrelaça com o misticismo, proporcionando uma visão rica sobre a identidade dos povos que habitam os rios. Assim, o conto serve como uma representação não apenas das práticas culturais, mas também da luta pela preservação de uma identidade que se vê ameaçada pela influência do catolicismo e pela visão distorcida de forasteiros.

Neste contexto, a obra vai além da idealização das crenças regionais, que muitas vezes são vistas de forma romântica e exótica. As crenças dos ribeirinhos, frequentemente influenciadas pela percepção católica, revelam uma dualidade que posiciona esses indivíduos como “selvagens” ou “exóticos”, enquanto também criticam a verdadeira essência de sua cultura. Por meio da personagem Maria Mucoim, que é uma representação vívida do misticismo

e da sabedoria ancestral, o conto revela os conflitos entre a fé cristã e as tradições locais, destacando a complexidade da espiritualidade na vida dos ribeirinhos. Essa dualidade é crucial para entender a luta pela identidade cultural no contexto amazônico.

A figura de Maria Mucoim, com suas práticas de feitiçaria, é central para a narrativa, em que o conto a descreve como uma mulher que, mesmo professando a fé católica, ocultou suas verdadeiras crenças em deuses antigos. Essa ambivalência ressalta os conflitos que surgem entre o misticismo e a religiosidade, refletindo a resistência cultural diante da imposição de uma fé dominante. A obra, assim, não apenas narra uma história de feitiçaria, mas também serve como um testemunho da luta pela preservação de saberes ancestrais que desafiam a lógica imposta pela sociedade moderna.

A narrativa de *A Feiticeira* demonstra como o imaginário social dos ribeirinhos é moldado por suas crenças e superstições, que se manifestam em rituais e práticas cotidianas. Enquanto o tenente Antônio de Sousa, um jovem cético, busca desmascarar Maria Mucoim, ele se vê confrontado por forças sobrenaturais que desafiam sua racionalidade. A tensão entre o sagrado e o profano se intensifica, revelando o poder de Maria Mucoim e a fragilidade do controle que Antônio acredita ter sobre a situação. Essa luta desencadeia uma reflexão sobre o papel da religião e do misticismo na formação da identidade cultural amazônica.

16

Portanto, a obra de Inglês de Sousa convida o leitor a explorar a intersecção entre o mágico e o religioso, revelando as complexidades das experiências dos povos ribeirinhos. Ao mesclar elementos do realismo com o fantástico, o autor proporciona uma visão única da cultura amazônica, em que as crenças populares e as práticas cotidianas se entrelaçam de maneira intrincada. Assim, *A Feiticeira* não é apenas uma história sobre feitiçaria, mas um profundo estudo sobre a espiritualidade, a identidade e a resistência cultural dos que habitam as margens dos rios amazônicos.

## REFERÊNCIAS

ALVES DE PAIVA, Geovane; APARECIDA DAL CORTIVO, Raquel; MANOEL MONTEIRO, Pedro. O Imaginário na apreensão da realidade amazônica no Conto “A Feiticeira” de Inglês de Sousa. **Momento - Diálogos em Educação** [S. l.], v. 32, n. 02, p. 289–306, 2023. DOI: 10.14295/momento.v32i02.14482. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14482>. Acesso em: 17 abr. 2026.

BARROS, V. Demonização do feminino e misoginia a partir do movimento de caça às bruxas. **Revista Práxis** [S. l.], v. 1, p. 219–237, 2024. DOI: 10.25112/rpr.vi.3500. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/3500>. Acesso em: 19 abr. 2026.

BAUER, L. A. F.. **Materiais de Construção 2**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo. Edição revista e ampliada**. São Paulo: Edições 70 Brasil. 2016.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFSC-25\\_7d3daee588ccea2176f18db3475edb5](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UFSC-25_7d3daee588ccea2176f18db3475edb5). Acesso em: 17 abr. 2026.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, 9(3): 239-262, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/abstract/?lang=pt> Acesso em: 17 abr. 2026.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

WEISSTEIN, Ulrich. Literatura Comparada: Definição. Trad. Monique Balbuena. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs). **Literatura Comparada. Textos Fundadores**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Rocco, 2011.

17

CRUZ, Valter do Carmo. O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia – mudanças e permanências**. Belém-PA: Editora Universitária UFPA, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. 4.<sup>a</sup> ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

BARRETO, Mauro Vianna. **O romance da vida amazônica: uma leitura socioantropológica da obra literária de Inglês de Sousa**. Presidente Venceslau – São Paulo: Letras à Margem, 2003.

CABRAL, Luciano. Monstros Góticos nos Contos Amazônicos, de Inglês de Sousa. **Revista Todas as Musas**, ISSN 2175 – 1277, Ano 09, N. 01, jul. – dez. 2017, p. 92 a 100. Disponível em: <https://www.tenebra.org/portfolio-collections/estudos/monstros-goticos-nos-contos-amazonicos>. Acesso em: 16 abr. 2026.

GAIA, Eron Max Xabregas. Conflitos entre cientificismo e religiosidade popular a partir de Inglês de Sousa. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 201-216, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs//index.php/paralellus/article/view/418?articlesBySimilarityPage=33>. Acesso em: 15 abr. 2026.

JALLOUL GUIMARÃES, A.; APARECIDA LÓDE NUNES, M. Bruxas e Feiticeiras: Um estudo iconográfico do corpo na Idade Média. **Coisas do gênero: Revista de estudos feministas em teologia e religião**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 150–169, 2023. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/genero/article/view/2307>. Acesso em: 19 abr. 2026.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos: A Feiticeira**. Vol. 1 Jundiaí, São Paulo: Cadernos do mundo inteiro, 2017.

SOUSA, Inglês. **Contos Amazônicos**. 2. ed. Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. Narradores em conflito nos Contos Amazônicos de Inglês de Sousa: uma leitura narratológica. **Organon**, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1–17, 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.103054. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/103054>. Acesso em: 17 abr. 2026.

WITZLER, Nara Barrozo. Mulheres e bruxas: o cotidiano feminino retratado nas imagens de bruxaria (1500– 1589). **Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 52–75, 2024. DOI: 10.62236/missoes.v9i3.56. Disponível em: <https://www.revistamissoeschs.com.br/missoes/article/view/56>. Acesso em: 19 abr. 2026.